

PARRICÍDIO E FILICÍDIO EM “A EMPAREDADA DA RUA NOVA” DE CARNEIRO VILELA

Joaquim Teles de Faria¹

Resumo: O presente estudo surge como uma reflexão à partir de leituras de obras de Freud e Jaques Lacan, e procura estabelecer um diálogo entre a Psicanálise e a Literatura. Nesse percurso dois conceitos ganham destaque e chamam a atenção, o parricídio e o filicídio. O romance “*A emparedada da Rua Nova*”, do pernambucano Carneiro Vilela, permite que se aplique a Psicanálise para analisar a relação entre pai e filha, tomando por base os personagens do romance. A trama apresenta a figura de um núcleo familiar que vai se desconstruindo até culminar em adultérios e homicídios. Em razão disto “*A emparedada da Rua Nova*” surge como uma possibilidade trágica moderna, que permite uma melhor Compreensão dos conceitos psicanalíticos de parricídio simbólico e do filicídio.

Palavras-chave: Parricídio; tragédia; filicídio; feminino; patriarcalismo.

A Família Favais: um universo familiar patriarcal submetido aos ímpetos das pulsões do feminino.

O presente trabalho versa sobre o romance do escritor pernambucano Carneiro Vilela, intitulado “*A emparedada da Rua Nova*” do início do século XX que retrata a tragédia da família Favais. Esse núcleo familiar protagoniza a trama que culmina em desfecho trágico, marcado por um filicídio. A ação filicida de Jaime Favais que, movido por seu ódio e honra feridos, acabam por emparedar a própria filha em razão de sua desobediência e de um ódio mortal. O ponto culminante é a desonra causada por sua esposa Josefina que, se envolvendo em uma relação adúltera, vai ser o estopim da explosão de acontecimentos que vão assolar toda a família que se verá enredada em conflitos, dores e decepções, paixões, desejos e morticínios.

Josefina não será a única culpada e se o mal se instala e destrói aquelas existências é que ele recebe a inconsciente ajuda que lhe dão o ódio e o espírito de vingança de Jaime Favais, o marido enganado e o

¹ Joaquim Teles de Faria é licenciado em história pela Universidade Estadual de Goiás – UEG e mestrando em Literatura no Programa de Pós-graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Leituras – POSLIT do TEL, no Instituto de Letras da Universidade de Brasília – UnB.

desamor filial de Clotilde, a que será emurada viva. (VILELA, 2013, p. 22).

Posto o esboço do romance, o foco desse estudo desloca-se para a relação de pai e filha, ou seja, para a relação de Jaime Favais e de Clotilde. O Narrador do romance oferece alguns aspectos sobre esses dois personagens que podem melhor orientar a percepção da relação existente entre eles, à partir daquilo que lhes constituem. Sobre o patriarca e personagem central da narrativa, informa o seguinte.

É por meio de descrições e de comentários morais, por parte do narrador, sobre os maus costumes da vida brasileira e os vícios da natureza humana, que ficamos sabendo como alguns imigrantes, a exemplo de Jaime Favais, construíram a sua fortuna (“Havia este descoberto uma nova aritmética que aplicava rigorosa e proporcionalmente a todos os trocos e um novo sistema de pesos e medidas, o qual se diminuía o volume e a quantidade dos artigos vendidos, tinha em compensação a vantagem de aumentar a receita da gaveta e de assegurar um saldo extraordinário no balanço final da mercadoria”). (VILELA, 2013, p.16).

No excerto acima, Vilela procura elucidar aspectos da personalidade do patriarca Jaime Favais que, segundo a narrativa, é um homem que não mede esforços para alcançar o que intenta. Para melhor compreender a mentalidade de Jaime Favais, o trecho transcrito abaixo, apresenta um pouco de sua história, conforme diz o narrador:

O menino Jaime não sentira grande comoção ao deixar o pátrio ninho: antes secreto instinto instigava-lhe a alegria íntima e buzina-lhe aos ouvidos que iam rasgar-se aos seus olhos e à sua ambição novos horizontes e vastos campos de operação e de colheita. (VILELA, 2013, p. 44).

É importante perceber nas palavras do narrador o modo que Jaime Favais constitui-se mental e emocionalmente. É ele um indivíduo extremamente decidido que não se abala ante o novo. Na perspectiva freudiana, uma pulsão de vida tão contumaz o possui que não há margem para descargas de qualquer medo ou insegurança. Se for possível estabelecer, a partir de Freud, que a pulsão de morte e a pulsão de vida expressam-se na mesma medida locupletando-se e dando movimento ao indivíduo, o caso de Jaime Favais ilustra de modo eficiente essa simbiose das duas pulsões. Pois que, se de algum modo, a pulsão de morte pode ser aplicada para compreender o seu desejo

impetuoso de abandonar a casa paterna, ou nas palavras de Vilela o “pátrio-ninho”, na mesma medida a pulsão de vida encarava esse morrer para o pátrio-ninho, lançando-se ao desconhecido – “o estranho” – que era o continente americano, as terras do Brasil. Para Freud o estranho é:

A palavra alemã *unheimlich*, “estranho”, é evidentemente o contrário de íntimo (*heimlich*), doméstico, (*heimisch*) e do que é familiar, e somos tentados a concluir que aquilo que é ‘estranho’ é assustador precisamente por isso pode-se inferir algo terrível, por não ser conhecido e familiar. (FREUD, 2014, p.35).

A argúcia e determinação de Jaime Favais leva-o ao pleno êxito em seus planos e intentos. Contudo essa trama estaria para além de sua capacidade de controle, uma vez que encerra outras pessoas com outras necessidades e desejos. Um exemplo que Vilela traz à lume é o da própria esposa de Jaime Favais, a Senhora Josefina, pois ela mostrar-se-á revelando suas angústias e inquietações, como informa o narrador:

Eis o caso: A mulher de Jaime era brasileira, – muito brasileira mesmo. Nascera imbuída desses preconceitos aristocraticamente orgulhosos, que formam o fundo do nosso caráter e fazem com que julguemos certos meios de vida pouco dignos de nós, – como que abaixo da nossa prosápia.... Portanto, se a filha do vendilhão pensava assim a respeito do seu pai, agora que também seu marido era tendeiro, mais que nunca se revoltava o seu orgulho. Chegava a ter vergonha daquilo. (VILELA, 2013, p. 47).

Josefina se caracteriza pela repressão de suas emoções em face daquilo que ela rejeita, que é o modo de vida de seu pai que - por conseguinte - é o mesmo de seu marido.

É forçoso notar que o narrador não se dá ao trabalho de evocar a figura da mãe, o que sugere que ela ocupe uma posição de menor relevância em face da figura paterna. Este procedimento está dentro da visão freudiana em aparente perfeita harmonia quanto à psique feminina que, superando o complexo de Édipo, passa a identificar-se não mais com a mãe e sim com o pai. Porém, essa identificação tende a passar ao passo que a mulher amadurece e a transfere para outro, estabelece a sua natureza feminina, a qual vai lograr êxito na relação com outro objeto, que lhe realizará o desejo de ter um pênis-filho, dando total superação ao complexo edipiano. É o que defende o pai da Psicanálise no excerto abaixo:

A identificação de uma mulher com sua mãe permite-nos distinguir duas camadas: a pré-ediapiana, sobre a qual se apoia a vinculação afetuosa com a mãe e esta é tomada como modelo, e a camada subsequente, advinda do complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai... A fase da ligação afetuosa pré-ediapiana, contudo, é decisiva para o futuro de uma mulher: durante essa fase são feitos os preparativos para a aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais. (FREUD, 1932, p.91).

Vê-se aí que, segundo Freud a identificação da mulher com o pai é resultado de uma camada subsequente à pré-ediapiana, onde a mulher procura tomar o lugar da mãe junto ao pai, no entanto, a fase de identificação pré-ediapiana é fator preponderante na definição das características que possibilitará à mulher exercer sua função sexual e seu papel social, incluindo aí a relação com um outro homem que não o seu pai.

O amor de Josefina pelo pai é ressaltado e a relação de recíproca ganha destaque na narrativa, o que possibilita pensar, com base nas argumentações freudianas sobre a feminilidade da mulher em seu texto de 1932, que o vincular de Josefina com o pai não foi superado após o complexo de Édipo. Ou seja, de alguma maneira na psique de Josefina ela permaneceu vinculada ao pai e essa vinculação iria funcionar como elemento definidor de sua vida sexual e amorosa, pois que, segundo Freud, a feminilidade é possuidora de uma carga de narcisismo, o que afeta a escolha de seu objeto de afeto.

Josefina irá identificar desse modo, em Jaime Favais, a figuração de sua mãe, a rival de quem ela se desvinculara para assumir seu lugar junto ao pai. Depois afastando-se da mãe vinculou-se ao pai e identifica em Jaime Favais de certo modo a figura da mãe que lhe rouba a atenção do pai, alinhando-se a Jaime Favais a quem ela transfere a figura materna e vai ceder a seus apelos, casando-se com ele para obter a atenção, o carinho e a aprovação do pai, pois que, Jaime Favais coaduna em si, a figura do pai e da mãe a um só termo. Freud informa que:

Os fatores determinantes da escolha objetal da mulher muitas vezes se tornam irreconhecíveis devido a condições sociais. Onde a escolha pode mostrar-se livremente, ela se faz, frequentemente, em conformidade com o ideal narcisista do homem que a menina quisera tornar-se. (FREUD, 1990, p. 90).

Em perfeita consonância com o que se observa em Josefina, o excerto acima completa a análise do caso de Josefina se agradar de Jaime Favais e decidir aceitar a proposta de casamento com ele. Um homem à imagem de Jaime Favais é uma figura que representa na psique de Josefina um tipo materno, sua aprovação e adoção pelo pai evoca na psique de Josefina a sua rival, a mãe, ela vai se aliar a ele em casamento para resguardar sua relação com o pai, é um modo de afastar-se dele, mantendo a salvo sua relação com o pai. Freud afirma que:

Se a menina permaneceu vinculada a seu pai - isto é, no complexo de Édipo -, sua escolha se faz segundo o tipo paterno. De vez que, quando se afastou da mãe e se voltou para o pai, permaneceu a hostilidade de sua relação ambivalente com a mãe, uma escolha desse tipo asseguraria um casamento feliz. (FREUD, 1932, p.90).

Embora à primeira vista o excerto pareça rechaçar o argumento acima, ele corrobora essa percepção à medida que o objeto escolhido pela mulher, baseada no tipo paterno, resultante de sua permanência em vinculação à figura do pai pode garantir um casamento feliz, porém, convém ressaltar que no mesmo argumento Freud vai esclarecer que o objeto escolhido pela mulher vinculada ao pai é herdeiro do pai e da mãe ao mesmo tempo, logo o casamento feliz é uma possibilidade e não um dado inquestionável. Quando a psique de Josefina opera a vinculação de Jaime, não mais à figura do pai e sim à figura da mãe, a relação do casal cai na infelicidade, no conflito e Josefina afasta o marido e torna-se sua opositora.

O elemento estranho que se insurge na relação e causa uma reviravolta na psique de Josefina, mudando seu modo de se relacionar com Jaime Favais, é o jovem belo e sedutor Leandro Dantas com quem ela se envolve numa relação adúltera e leva toda a família a uma reviravolta, que traz a lume o parricídio simbólico praticado por sua filha Clotilde e que terá por consequência o filicídio efetivo, praticado por Jaime Favais ao emparedar sua filha.

As demandas da família vão definir os cuidados de Jaime para com seu filho e para com sua filha. Isso criará as bases psíquicas dos conflitos que se insurgirão ao longo dos anos.

Com efeito... apenas o filho completou os dez anos, mandou-o para a Europa; e a filha, antes mesmo desta idade, meteu-a no colégio das

Irmãs de Caridade, situado na Rua do Hospício. Tanto escrúpulo na educação masculina e tão pouco na educação feminina! Para o homem abriam-se todas as válvulas da civilização, franqueavam-se todos os caminhos da ciência, preparavam-lhe um futuro cheio de conhecimentos úteis, progressivos e, portanto, garantidos das mais altas virtudes. Para a mulher, porém, – para a futura mãe de família, para a verdadeira base da sociedade moderna – estreitavam-se os horizontes intelectuais e morais, proibiam-lhe a liberdade de pensar e de sentir. (VILELA, 2013, p. 50).

Essas observações elucidam o caráter tradicional da família Favais, no qual o homem é formado e dirigido para o mundo e suas coisas, e a mulher para o ambiente doméstico e suas coisas, como informa ainda a natureza indomável de Clotilde carregada de revolta e rejeição ao ambiente religioso no qual fora internada pelo pai, pois esse, não era o desejo de Clotilde. Isso revela a incapacidade do pai de perceber o querer da própria filha, o que já denota certo estranhamento entre os dois que, no mais das vezes, são tomados por íntimos.

Dada a relevância do personagem para a trama, o narrador cerca o leitor de informação para que este se inteire dos elementos que o constitui. Abaixo ele apresenta, em aspectos gerais, como de fato se formou a menina de Jaime Favais e Josefina:

De um moreno claro e corado. Nem alta, nem baixa, herdara de sua mãe a elegância voluptuosa do corpo, e se já não podia competir com ela na perfeição exata dos contornos, é porque, menina e moça, não chegara ainda ao pleno desenvolvimento das formas, não se transformara completamente em mulher. Produto de um cruzamento de raças, a mistura dos dois sangues, de que era oriunda, se lhe deu ao físico aquela perfeição material, deu-lhe ao espírito uma energia máscula e impetuosa, formou-lhe um coração capaz de todas as virtudes bem como de todos os vícios, conforme o lado para que o inclinasse a vontade ou para que o levasse a inspiração do momento. (VILELA, 2013, p. 52).

Fica evidente nos enunciados acima alguns aspectos relevantes para a Psicanálise, a jovem mulher filha de Jaime Favais era feminina e bela, uma réplica física e até mental da mãe. Apresentava uma energia máscula, intensa e capaz de todos os vícios e virtudes, tal como o narrador anuncia como se formou Clotilde, evidenciando que tudo quanto planejou para ela o seu dedicado pai, nem de longe fora de fato o que se dera.

A filha de alguma maneira, em razão de suas frustrações, acabou por desenvolver-se numa direção contrária ao desejo do pai. Os investimentos e cuidados paternos

serviram para ressaltar e fortalecer um caráter intenso de Clotilde, característica que será decisiva na manutenção dos conflitos que assolarão toda a família. Embora o excerto abaixo seja extenso, mostra-se relevante sua transcrição para melhor explicitar a imagem física e mental de Clotilde:

Desterrada para um colégio, entregue nas mãos e aos cuidados de umas irmãs de caridade, madalenas arrependidas formadas na escola dos hospitais parisienses e ilustradas no pátio das prisões – não era aí que a sua índole poderia expurgar-se do que tivesse de mau para conservar somente o que houvesse nela de bom e de útil. No meio de uma religiosidade convencional, respirando uma atmosfera de hipocrisia e de beatério, a sua natureza – a sua consciência – impetuosa e enérgica, ou conservar-se-ia sempre tal qual, terminando por dar por paus e por pedras até revoltar-se contra toda aquela ordem de coisas, ou seria asfixiada de todo e, dominada pelo ascetismo pernicioso, cairia na modorra e no marasmo da estupidez, no cretinismo ignorante e humilde da beata. Felizmente, para ela – pois dos males o menor –, Clotilde saiu daquela prova tal qual tinha entrado. O colégio não fora para ela nem uma escola de moral nem um crisol de sentimentos. Fora antes um lamaçal onde a sua curiosidade inexperiente e cheia de impaciências mergulhara muitas vezes. Adquirira alguma instrução e algumas prendas femininas, eis tudo; mas de envolta com a instrução e com as prendas, adquirira também grande cópia de noções errôneas e falsas das coisas da vida, um exaltamento pernicioso de paixões e seus vícios consequentes. Se mais alguma coisa trouxe para a casa paterna como prenda valiosa, foram sem dúvida umas lições práticas de hipocrisia e um ódio inveterado por tudo quanto fosse contrariedade e por tudo quanto lhe parecesse reclusão. A seleção quase conventual, em que vivera durante o período colegial, fizera-lhe adorar a liberdade. Os sofrimentos por que passara na observância rigorosa de umas regras carrancas e aperreadoras haviam acumulado no seu coração uns ódios intransigentes por tudo quanto lhe parecesse obrigação e tinham-lhe dado uma aptidão e uma presteza extraordinária para a revolta. (VILELA, 2013, p.52).

Além de sua maneira intensa e indômita, a forma com a qual fora tratada pelo pai torna-se fator determinante do modo de ser de Clotilde e opera em sua psique uma total rejeição à figura paterna e uma profunda vinculação à figura materna. Com base no que diz Freud, essas atitudes de Clotilde quando criança e mesmo em idade adulta, têm suas raízes na infância, quando sua psique estava sendo formada e as energias registravam em sua mente como se comportaria essa mulher por toda a vida. É notório, com base no que apresenta o narrador, que algumas inibições, repressões e traumas, levaram Clotilde a desenvolver neuroses que estão relacionadas à sua vinculação materna e à não

superação do complexo de Édipo. Para aprofundar a análise nessa perspectiva é indispensável a compreensão da relação entre Clotilde e seu pai e, para tanto, faz-se necessário evocar outros conceitos que podem elucidar essa relação familiar.

Freud trabalha o conceito de parricídio simbólico como elemento importante do complexo de Édipo. Outro aspecto que se insere nesse rol de importância, por se manifestar na perspectiva da narrativa estudada como fator inerente ao parricídio, é o conceito de filicídio, pois permitirá um olhar mais profundo e melhor orientado sobre as relações que estão sob análise.

Parricídio simbólico: o limiar de uma nova cultura doméstica.

Assim como para Freud o parricídio marca o fim da horda primeva e o início da cultura, também se pode notar que o parricídio simbólico de Clotilde funciona como o marco inicial de uma nova cultura doméstica que vai contestar com vigor e destemor a dominância incontestável do patriarcalismo de Jaime Favais.

A oposição entre pai e filha relaciona-se primordialmente com a frustração de Clotilde em face da diferença de tratamento destinado aos filhos, pelo pai. Enquanto o filho, por ser homem e inscrever-se na tradição da dominação masculina, recebe todos os benefícios paternos, a filha - que demandava os mesmos cuidados e mimos, talvez por possuir, como esclarece o narrador, uma natureza máscula - deseja ser tratada como uma igual ao pai, porém, sua condição social de mulher interdita-lhe o mesmo tratamento dado ao filho homem. Privada de ser atendida em suas demandas, essa pulsão de Clotilde ficará frustrada ao longo de sua trajetória, desde a mais tenra infância e encontrará seu auge no ato de ser internada a contra gosto em um colégio de freiras, enquanto seu irmão é mandado para a Europa, a expressão máxima de sua frustração e a cristalização de um ódio que a oporá por completo ao pai, não importando quanto cuidado ele lhe dispensasse ou quanto amor pudesse por ela sentir.

Essa pulsão reprimida, adicionada às tendências de Clotilde de se aliar à mãe como modo de se contrapor ao pai, vai paulatinamente construindo seu caminho que será de total aversão ao pai. Sendo assim, o parricídio torna-se, ainda que simbólico, uma ação efetiva de Clotilde que, perdendo toda e qualquer referência para com o pai, elege a mãe como seu objeto de identificação e passa a ter nela mais que uma mãe, uma

amiga, uma cúmplice para seu ódio parricida que, continuamente vai procurando assassinar a figura do pai, até que não reste nada dele, senão um estranho que terá direito unicamente à sua ira e ao seu desprezo.

O adultério de Josefina ocasionará o rompimento final da relação de pai e filha, onde o parricídio simbólico praticado por Clotilde vai culminar no filicídio efetivo praticado por seu pai Jaime.

Ao tomar conhecimento do adultério, Jaime lava sua honra com o assassinato de Leandro, evento que, quando sabido pela mãe e pela filha, torna-se decisivo para a desestruturação da ordem até então vigente. Josefina apaixonada por outro homem finalmente dá vazão à toda a sua pulsão de desprezo para com seu marido e a descarga é tão violenta que ela perde a lucidez. Clotilde por sua vez, ao saber que o seu pai assassinara o amor de sua vida, revela um elemento adicional que é a sua gravidez.

Jaime Favais evoca sua autoridade paterna e quer ocultar a sua desgraça em um casamento forçado de Clotilde com um seu sobrinho português, para que tudo seja resolvido no seio doméstico e a “ordem” seja reestabelecida. Porém, já não existe essa possibilidade, o parricídio simbólico concretizou-se, efetivou-se de tal maneira que seus apelos são irrelevantes aos ouvidos e aos sentimentos de Clotilde que o enfrenta e desafia. O fragmento que se segue expressa com vitalidade a situação acirrada de oposição que fazia a manutenção das agressões entre Jaime e Clotilde:

Era preciso ser franca, era necessário acabar com semelhante situação. Clotilde não teve mais meias-medidas e sua raiva explodiu com toda a força. Declarou enérgica e peremptoriamente que não unia o seu destino ao destino de um miserável assassino.– Assassino?! Como! – exclamou o negociante no auge do espanto. – Não foi o seu cúmplice? – interrogou Clotilde com um ar cheio de desprezo e com uma voz esmagadora. Jaime levou as mãos à cabeça num gesto de furor louco e precipitou-se para a filha com as mãos crispadas e os olhos injetados:– Miserável! – gritou ele, espumando de raiva e lívido de cólera. – Assassino! – repetiu Clotilde estendendo os braços como para repeli-lo, esibindo a palavra como se fosse um látego de aço com que estivesse fustigando as faces de seu pai. (VILELA, 2013, p. 462).

Ante sua incapacidade em dominar a filha a quem ele reputa estranhamento e amaldiçoa, Jaime Favais se vê impossibilitado de exercer sua vontade. A rebeldia e teimosia de Clotilde funciona como elemento castrador que impunha a Jaime a frustração, interditando suas pulsões. Assim, ele verifica, ainda que inconscientemente,

que ele está morto, sua filha não o reconhece como pai, seus sentimentos, sua honra e seus apelos são irrelevantes ante as pulsões vorazes de sua Clotilde.

Ciente de que nada pode contra a força e determinação de sua opositora, Jaime Favais vê-se como Creonte diante da resolução de Antígona que, assim como para Antígona obedecer ao edito de Creonte seria morrer e dizer não ao edito seria viver, ainda que sendo punida com a morte, para Clotilde, cujo parricídio simbólico havia libertado de todo e qualquer sentimento de identificação com o pai, obedecê-lo seria a morte, porém manter-se fiel ao seu desejo de se opor a Jaime, manter-se fiel ao desejo de defender o filho que carregava no ventre, lutar por sua liberdade de escolha e defender o amor que sentia por Leandro Dantas seria viver, ainda que viesse a ser punida com a morte, conforme lhe acenava seu pai enfurecido.

Conclusão: o filicídio como caminho reparador da ordem perturbada.

O filicídio de Jaime Favais consuma-se, as tensões são fisicamente sepultadas e as pulsões alcançam descarga por meio da eliminação da fonte repressora. A fonte repressora de Clotilde era a figura de seu pai, a quem ela teve que matar simbolicamente para dar vazão a todas as pulsões reprimidas desde a primeira infância.

Clotilde que já se vê morta no olhar e na percepção do pai, que é incapaz de dar vazão às suas pulsões e realizar seus desejos, passa a identificar-se totalmente com a mãe, que por sua vez também está num momento de distanciamento da figura paterna presente no marido. Desse modo, identificando-se com sua mãe e “estranhando” completamente o pai, Clotilde vive o filicídio simbólico na relação com seu pai e vai o delineando paulatinamente. O parricídio simbólico descortina no olhar de Jaime Favais o filicídio efetivo, que já era numa dimensão simbólica e que passa a ser na dimensão prática consumando-se enquanto ação, como prática encerrando o conflito.

Lacan falando de Antígona e de Creonte em seu **Seminário Sete** argumenta que:

Reverão em Sófocles a dança que está em questão entre Creonte e Antígona. Claro está que o herói, uma vez que sua presença nessa zona indica que algo é definido e liberado, arrasta para aí seu parceiro. No final de Antígona, Creonte fala, a partir de então, deveras dele mesmo como de um morto entre os vivos, uma vez que literalmente perdeu todos os seus bens nesse negócio. Através do ato trágico o herói libera seu próprio adversário. (LACAN, 2008, p. 374).

Se a tragédia de Antígona termina por libertar Creonte, tal qual mostra-nos Lacan no excerto acima, o mesmo se aplica ao caso de Jaime Favais e sua filha Clotilde, uma vez que a repressão cessa e a heroína sucumbe no emparedamento, o conflito amaina-se e, mesmo tendo perdido sua esposa, sua filha e sua zona de conforto, assim como Creonte por Antígona, Jaime Favais foi libertado por Clotilde em sua tragédia.

A relação entre parricídio e filicídio, muito embora esse termo não seja comum nem usual, é inquestionável e pode ser verificada na própria narrativa de Sófocles do **Édipo Rei**. Édipo logo ao nascer é vítima de filicídio por parte de seu pai Laio, temeroso da maldição que lhe fora lançada, a de que seu filho lhe mataria e desposaria a própria mãe.

Apesar de um oráculo haver-lhe anunciado que, como castigo por seus amores antinaturais com Crísipo, se nascesse um filho dele e de Jocasta esse filho o mataria, Laio tornou-se pai de um menino. Para tentar fugir à predição do oráculo, mandou Jocasta dar o recém-nascido a um dos pastores de seus rebanhos, após perfurar-lhe os pés e amarrá-los. A ordem foi abandoná-lo no monte Citéron (Citáiron) para morrer naquela região inóspita, na esperança de fugir assim à decisão divina. (SÓFOCLES, 2001, p. 06).

Destarte, o parricídio desde que apresentado por Freud na constituição do Complexo de Édipo, está intimamente ligado, conforme se verifica na mitologia grega, com o filicídio. O filicídio precede o parricídio no mito de Édipo pois, conforme excerto acima menciona, antes mesmo de Édipo ter condições de ameaçar Laio, este por medo ante a maldição decide eliminar o filho. O parricídio por sua vez surge para além de uma definição dos deuses, para além da força da maldição do rei Pélope, efetiva-se como um acidente, um evento completamente desvinculado do desejo parricida, expresso por Freud em **Totem e Tabu**, no banquete da horda primeva.

No caso de Jaime Favais e Clotilde, a intensão filicida do pai constitui-se inconsciente ao longo de toda uma história de repressão e dominação da filha, que vê o pai se desfigurar e tornar-se um estranho “...e somos tentados a concluir que aquilo que é ‘estranho’ é assustador precisamente por isso pode-se inferir algo terrível, por não ser conhecido e familiar”. (FREUD, 2014, p.35).

É esse “estranho”, tal qual Laio era para Édipo que se torna objeto do parricídio, um crime que se dá tanto mais pela ação do pai, do que pelo desejo parricida de matar. Desse modo evidencia-se que o parricídio carrega em si um caráter de consequência do filicídio, seja efetivo ou simbólico.

Édipo não mataria o próprio pai se este não o tivesse assassinado simbolicamente antes e criado a ambiência confluyente para o parricídio, tal qual Clotilde de igual modo não mataria simbolicamente Jaime Favais, se este não tivesse criado as condições adequadas, por meio da repressão aos impulsos da filha.

No sentido oposto, porém, o filicídio é um crime deliberado, resposta narcisista para saciar o desejo expresso de não ser suprimido pelo filho. O pai ameaçado, seja qual for o tipo de ameaça, impotente ante ao desejo resolutivo do filho, impõem-lhe o mais alto nível de repressão, reprime seu desejo até o esgotamento da vida, dando curso ao filicídio efetivo.

Referências

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre literatura**. Organização de Iuri Pereira. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Hedra, 2014.

_____. (1933[1932]). Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: **FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

SÓFOCLES. **A Trilogia Tebana**. Trad. Mário da Gama Kury. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

VILELA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Recife: Cepe, 2013.